

FUNDAMENTOS PARA UM ESTUDO DA FORTUNA CRÍTICA DE THIAGO DE MELLO

Pollyanna Furtado Lima (PG-UFAM)

RESUMO

Este artigo propõe discutir alguns fundamentos para um estudo de fortuna crítica. Trata-se da etapa preliminar para uma leitura das primeiras recepções de Thiago de Mello. Para tanto, apresentaremos as possibilidades metodológicas para a organização do material bibliográfico, a partir de análise comparativa de alguns modelos como, por exemplo, a coleção *Fortuna Crítica* dirigida por Afrânio Coutinho. Outro ponto relevante são as diferentes concepções do perfil da crítica literária brasileira presente nos estudos de Afrânio Coutinho, Antonio Candido e Flora Süssekind. Quanto à perspectiva, temos os pressupostos teóricos sobre o sistema literário, discutidos por Pascale Casanova em *A República Mundial das Letras*. De acordo com análises preliminares, as tensões nas relações entre autor e crítico, na noção de escritor nacional e universal, de popular e clássico estão presentes num dos primeiros textos sobre a obra de Thiago de Mello. Como parte da mostra do material analisado, apresentaremos o texto de Álvaro Lins e comentaremos alguns dos aspectos discutidos por Casanova.

Palavras-chave: *Thiago de Mello; Fortuna Crítica; Literatura Brasileira Contemporânea.*

ABSTRACT

This paper aims to discuss some foundations for the study of literary criticism. It is concerned to a preliminary stage for a reading of the very first Thiago de Mello's acceptance. So that, it is presented the methodological possibilities for the organization of bibliographic material, from a comparative analysis of some models, for instance, the collection *Fortuna Crítica* (Critical Fortune) directed by Afrânio Coutinho. Another relevant issue is the different conceptions of the profile of Brazilian literary criticism presented in Afrânio Coutinho, Antonio Candido and Flora Süssekind's studies. Concerning to the perspective, the theoretical assumptions about the literary system are discussed by Pascale Casanova in *A República Mundial das Letras* (The World Republic of Liberal Arts). According to preliminary analysis, the tension in relations between the author and critic, on the notion of national and/or universal writer, popular and/or classical are present in Thiago de Mello's first acceptance. As part of the sample of the analyzed material, an Álvaro Lins's text is introduced and commented according to the aspects previously discussed by Casanova.

Keywords: *Thiago de Mello; Literary Criticism; Contemporary Brazilian Literature .*

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo discutiremos alguns fundamentos para um estudo de fortuna crítica. Trata-se da etapa preliminar para a leitura da recepção da obra poética de Thiago de Mello. Como a produção literária de Thiago é extensa, delimitamos o trabalho entre os textos críticos da primeira década de sua carreira literária e sobre o gênero poético.

O ponto de partida consiste no levantamento da bibliografia passiva, começando pelos textos reunidos na 2ª edição de *Vento Geral*¹⁷, depois estendendo para a pesquisa exploratória de natureza documental e reunião de todo material encontrado sobre o poeta. Porém, a análise do

¹⁷ O livro *Vento geral*, segunda edição, reúne poemas de Thiago de Mello desde 1951 até 1981 e também apresenta parte da fortuna crítica do autor.

corpus se restringe a uma parte do conjunto de textos, devido ao limite de tempo disponível para este tipo de trabalho durante o curso de mestrado.

Nessa etapa, foram escolhidos textos escritos entre os anos 50 e 60, que compreende respectivamente os anos em que Thiago de Mello estreou na literatura com *Silêncio e Palavra* (1951) até a publicação da primeira edição de *Vento Geral*, em 1960.

A estrutura deste artigo constitui-se de apresentação das possibilidades metodológicas para a organização dos textos, o que será discutida na seção “Fortuna crítica e epistemologia”. Aspectos referentes ao papel e as características da crítica literária brasileira moderna serão apresentados em “Crítica brasileira moderna”. A perspectiva sobre o sistema literário será tratada em “A crítica e o sistema literário”. E para finalizar, uma prévia análise de um artigo de Álvaro Lins sobre o livro *Silêncio e Palavra*, de Thiago de Mello.

2. FORTUNA CRÍTICA E EPISTEMOLOGIA

Como metodologia, iniciamos com leituras das obras de fortuna crítica, visando compreender os critérios de organização e seleção. Até o momento, foram encontrados seis livros da Coleção Fortuna Crítica, organizado por Afrânio Coutinho, com a colaboração de Sônia Brayner nos estudos de Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Cassiano Ricardo e Manuel Bandeira; Eduardo Coutinho, nos estudos sobre José Lins do Rego, e o próprio Afrânio reúne a fortuna de Cruz e Souza. Há também a Fortuna Crítica de Affonso Ávila, edição institucional do arquivo mineiro. Quanto a textos inéditos, há teses *A fortuna crítica de Macunaíma: primeira onda (1928-1936)*¹⁸.

Conforme foi levantado, estes trabalhos, em sua maioria, restringem-se à compilação dos textos mais representativos sobre os autores consagrados, como nos estudos dirigidos por Afrânio Coutinho. Logo na nota de introdução, ele destaca a importância do trabalho para a preservação da memória nacional, do patrimônio cultural, reunindo textos que poderiam desaparecer definitivamente e também por constituir um valioso material para consulta de estudantes das faculdades de Letras. Nesta nota, fica implícita sua concepção de literatura, o que será comentado adiante.

O que nos parece problemático é que ele não expõe diretamente a metodologia de trabalho, mas diz que a fortuna crítica “inclui o que há de melhor publicado e é matéria de estudo obrigatório na compreensão e interpretação da poesia brasileira.” (COUTINHO, 1978, p. 10) O seu trabalho não propõe uma reflexão a partir da seleção dos textos e não oferece, explicitamente, os pressupostos teóricos que sustentam a sua visão crítica. No entanto, está implícita em seus

¹⁸ Tese de Doutorado defendida na USP em 2006 por José de Paula Ramos Junior.

enunciados, uma visão de literatura como atividade autônoma, relegando as condições históricas apenas como uma moldura que se pode enquadrar à obra literária.

A autora Brayner, sob orientação de Coutinho, selecionou um conjunto de textos separados em três partes: os depoimentos, os estudos de caráter geral e a abordagem específica. Na primeira parte, há entrevistas, textos sobre literatura de autoria do próprio Drummond e poemas metalinguísticos. Na segunda, textos de poetas, escritores e estudiosos de outros domínios do conhecimento. Na terceira, todos os textos são escritos por estudiosos da literatura com uma metodologia especializada.

No quinto volume, Sônia Brayner abre a nota preliminar dos estudos sobre Manuel Bandeira. Ela comenta que “o estudo procura espelhar diversas facetas da fortuna crítica de Bandeira, selecionando o que há de mais representativo na crítica brasileira.”(BRAYNER, 1980, p. 10) Ela oferece também documentos da vida do poeta, de suas ideias e concepções, seguindo o mesmo critério do primeiro volume no tocante ao depoimento. E apenas cita a existência de um documentário cinematográfico – *O poeta do castelo*, segundo a autora, rico em informações pessoais.

O quarto volume foi organizado pelo próprio Afrânio Coutinho que, em sua nota introdutória, reforça o objetivo da coleção como subsídio aos estudiosos de letras brasileiras. Reforça ainda que o critério de seleção considera a qualidade crítica e depois o valor histórico, os aspectos documental e de depoimento. A organização é formada por uma parte introdutória, que localiza o autor na história literária, uma cronologia e a sua bibliografia ativa e passiva. Em seguida, os depoimentos do autor ou sobre ele, reportagens biográficas. Uma segunda seção dedica-se a reproduzir estudos de caráter geral e um terceiro, estudo de caráter específico sobre livros ou parciais. “Através dos juízos de seus críticos, é a própria literatura brasileira que nos mostra os trabalhos reunidos, sem falar de uma evolução da própria crítica, tanto do ponto de vista dos princípios quanto nos aspectos metodológico.” (COUTINHO, 1979, p. 5)

Outros livros da coleção seguem com maior ou menor proximidade a mesma forma de organização. Não há diferença acentuada quanto aos critérios de seleção. A maioria deles inclui de resenhas a estudos mais elaborados; de depoimentos sobre o autor a entrevistas em jornais ou revistas. Troca de correspondência entre o autor e outras personalidades também constitui material de apreciação. Outro aspecto, é o fato dos autores destes textos serem figuras destacadas no meio literário conforme o entendimento do organizador. Em sua maioria, impera o argumento de autoridade, havendo uma posição até certo ponto ortodoxa sobre quem são aqueles que podem falar sobre literatura.

Apesar da análise não oferecer uma reflexão quanto aos pressupostos metodológicos, a sua forma de organização nos oferece um modelo bem estruturado. Deste modo, para a análise da

fortuna crítica de Thiago de Mello foi adotado parte deste modelo, adaptando alguns aspectos que foram convenientes para atender as especificidades de nossa abordagem.

Outro estudo de caráter compilatório é a *Fortuna crítica de Affonso Ávila*, introdução de Melânia Silvo de Aguiar¹⁹. A obra além de conter textos representativos sobre a literatura do autor apresenta um aspecto biográfico, pois também registra momentos da vida do poeta, ilustrado com fotografias e imagens de documentos pessoais. Este trabalho, assim como o de Afrânio Coutinho, tem como objetivo central a preservação da memória e do patrimônio literário nacional. O visual e a ligação entre biografia e obra literária são aspectos bastante destacados neste trabalho.

Na tese *A fortuna crítica de Macunaíma: primeira onda (1928-1936)*²⁰, ao contrário dos anteriores, apresenta um caráter reflexivo sobre os documentos críticos. Parte deles foi transposto por escâner no corpo do trabalho, o que valoriza o aspecto visual dos documentos. Além da recuperação de textos, o autor analisa os juízos estéticos expedidos, destacando suas perspectivas ideológicas nacionalistas associadas à fase do modernismo, momento em que se buscavam soluções estéticas e culturais, mas com implicações sociais e políticas no período de modernização do Brasil. As inferências do autor acerca do nacionalismo na literatura modernista nos orientaram na reflexão deste trabalho, bem como na solução de transposição dos documentos.

Como não foram encontrados até o momento estudos que tratam especificamente dos critérios metodológicos para a construção da fortuna crítica, os trabalhos encontrados nos servirão de modelo preliminar. A reunião não é arbitrária. É possível perceber alguns critérios epistemológicos no conjunto destes trabalhos. Por esta razão, construímos nossa metodologia a partir de leituras comparativas. É possível perceber que os critérios variam, mas apresentam pontos de convergência. No caso da coleção *Fortuna crítica de Afrânio Coutinho*, destacamos o aspecto didático e conservador do estudo. Coutinho deixa claro o seu interesse de que o material compilado sirva de material de consulta e ainda expressa sua visão conservadora da crítica literária. Já no estudo de Affonso Ávila, destacamos a ênfase aos materiais biográficos e uma visão de que a verdadeira compreensão da obra literária passa necessariamente pela investigação biográfica. Já na tese de José de Paulo R. Jr., destacamos a visão crítica do estudioso frente ao seu objeto de estudo. Deste modo, o presente trabalho adotará o ponto de partida destes estudos, distinguindo-se, contudo, quanto ao objeto e perspectiva de análise, mais interessada numa abordagem reflexiva, buscando situar o autor dentro de um panorama da primeira recepção crítica de sua obra.

2.1. Crítica brasileira moderna: diferentes perspectivas

¹⁹ Edição comemorativa dos 40 anos de publicação do ensaio *Resíduos Seiscentistas em Minas de Affonso Ávila* pela Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais e Arquivo Público de Minas, 2006.

²⁰ Tese de José de Paula Ramos Junior.

Para compreender alguns aspectos da crítica brasileira moderna, sintetizaremos algumas das opiniões de três estudiosos da literatura: Antonio Candido, Afrânio Coutinho e Flora Süssekind. O primeiro por privilegiar a sua visão da formação da crítica brasileira. O segundo por suas considerações sobre a atividade crítica no modernismo. A terceira por discutir o perfil da crítica entre as décadas de 40 e 70, dando destaque às diferenças de concepção entre Candido e Coutinho.

Antonio Candido, num valioso estudo sobre a formação da literatura brasileira, considera o romantismo uma fase decisiva para o desenvolvimento de uma literatura nacional. Afirma ser esse um momento de busca da libertação dos cânones estrangeiros para o surgimento de recursos originais. Os valores fundamentais do período eram a criação de uma literatura nacionalista; da valorização dos aspectos locais, dos costumes do povo, dos traços raciais; a adoção do índio como tema poético e do interesse pelo passado literário para definição da corrente e dos autores novos. Segundo ele, a crítica deste período teve um papel essencial no despertar da consciência literária brasileira.

(...) Devemos, pois, entender por crítica, no período estudado [romantismo], em primeiro lugar as definições, interpretações gerais da literatura brasileira; em seguida, os esforços para criar uma história literária, superando a crítica estática e convencional do passado; finalmente, as manifestações vivas da opinião a propósito da arte literária e dos produtos atuais. (CANDIDO, 2009, p. 655)

O que Candido chama de crítica estática, trata-se daquela que apreende a literatura de forma isolada e compartimenta os gêneros literários como construções estanques. Uma crítica que, nas palavras de Lafayette Rodrigues Pereira, consiste na aplicação “das regras aristotélicas e horacianas aos produtos do engenho humano; era uma operação mecânica que consistia em comparar o texto, isolado de suas afinidades históricas com as máximas recebidas.” (Idem, p. 659)

Candido comenta que, apesar das limitações no romantismo, ela foi à consciência da fundação da nossa literatura; logo, de justificação de sua existência e proclamação da sua originalidade. O que teve grande importância do ponto de vista histórico, pelo amparo aos escritores, orientando-os, confirmando-os, contribuindo para o próprio desenvolvimento romântico. Ressalta ainda que esta mudança ocorreu, porque o Brasil estava vivendo uma fase propícia tanto no campo literário quanto no campo político. As antigas fórmulas e valores do neoclassicismo não mais atendiam as necessidades expressivas e as aspirações dos escritores da época. Os ideais românticos se somaram a própria estruturação política e cultural do Brasil, ou seja, a busca da independência política propiciaria a busca por uma independência literária.

O que chama a atenção nos textos de Antonio Candido é a sua capacidade de avaliar os fenômenos literários do passado, sem impor a sua visão atual, buscando a compreensão mais autêntica o quanto possível. Tudo isto tendo a consciência das limitações que a própria condição de pesquisador dos fenômenos literários se impõe. Ele avalia sua própria visão, a fim de não causar

demasiada distorção ao olhar sobre o momento histórico. De suas observações cuidadosas, ele extrai, dentro do conjunto de limitações dos críticos românticos, contribuições basilares na literatura: os esforços de se criar uma literatura nacional. Outro ponto forte está na visão da literatura como sistema, algo que uma perspectiva puramente estética é incapaz de avaliar.

A concepção crítica literária de Antonio Candido teve influência do método de Silvio Romero, no que tange a valorização do contexto social. Contudo, Candido se diferencia deste por não cair numa crítica sociológica, pois considera a necessidade de se rever os pressupostos metodológicos e buscar a superação do paradoxo entre crítica intrínseca e extrínseca. Para Antonio Candido, o crítico deve encarar os elementos contextuais como dados intrínsecos à obra, para que sua atividade seja apenas crítica.

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo.

Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. (CANDIDO, 2008, p. 16-17)

Antonio Candido criou seu próprio método de interpretação da obra literária. Em *Dialética da Malandragem*, analisa *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida e dá início a uma vertente crítica que durante os anos 1969-1970, teve grande fecundidade. Segundo Flora Süssekind, em diálogo com ele, foram produzidos “alguns dos melhores trabalhos de análise literária, no campo da crítica universitária, no país.” (SÜSSEKIND, 2002, p. 30) A sua abordagem crítica surge como contracorrente da vertente estética, encabeçada por Afrânio Coutinho.

2.2. A crítica no modernismo

Ao contrário de Candido, Afrânio Coutinho pensa a literatura como uma atividade independente das formações históricas. Segundo ele, a verdadeira crítica deve desprezar ou, ao menos reduzir ao máximo, as circunstâncias históricas, detendo-se aos elementos estéticos. Embora sua concepção nos pareça um tanto restrita, trata-se de um nome forte na crítica acadêmica e suas contribuições não devem ser ignoradas.

Em seus estudos publicados em *A literatura no Brasil*²¹, faz um balanço da crítica modernista e considera que nas três fases do movimento, a atividade crítica teve formas de atuação diferentes. Em cada fase houve a predominância de um determinado gênero literário sobre os

²¹ Série de estudos publicado em cinco volumes com a direção de Afrânio Coutinho.

demais. Neste sentido, a fase heróica tem a poesia como destaque; a segunda, o romance e a terceira, a da crítica literária.

Na primeira fase de 1922 a 1930, ele diz que não houve uma crítica propriamente dita. Assumindo um papel sociológico, ela era coletiva e aparecia nos manifestos ou nas próprias obras e revistas do movimento. Entre as figuras de Tristão de Athayde, João Ribeiro e Nestor Victor, o primeiro teve pouca participação, ao passo que os dois últimos desprezaram o modernismo quase por completo.

Na segunda fase de 1930 a 1945, as aspirações de conhecimento da terra e formação da nacionalidade cederam lugar à crítica social, política e com apelo à ação. Segundo Afrânio Coutinho, predomina neste momento a ideia política da vida brasileira, a crítica doutrinária e extremista, desprezando as preocupações estéticas. E ainda que a questão maior é o conflito dos reacionários contra os revolucionários.

A terceira fase a partir de 45 é o momento de realização da crítica literária. Segundo Coutinho, esta foi uma fase de amadurecimento e de maior preocupação estética. A crítica neste momento é a que Afrânio chama de os rodapés, exercida no jornal, oscilando entre a crônica e o noticiário. O embate entre a crítica não especializada com a dos críticos formados pelas faculdades de Filosofia e Letras do Rio de Janeiro e de São Paulo, criadas respectivamente em 1938 e 1934, provocaria um verdadeiro processo de renovação da crítica. Afrânio Coutinho concebe a crítica como atividade reflexiva, intelectual, de natureza da ciência, o que, segundo ele, não coincidia com as atividades dos rodapés.

Afrânio teve um papel importante nesse processo. A criação das faculdades de Filosofia e Letras propiciou a expansão da crítica especializada. Substituindo a atividade então de jornalista, por uma atividade profissional.

No Brasil, um estudo crítico, publicado em livro, é designado como ensaio, e ensaísta o seu autor. São assim, por exemplo, o livro de Augusto Meyer sobre Machado de Assis e o de Mario de Andrade, *Aspectos da literatura brasileira*. São livros de crítica, mas se referem como de ensaio. É que, no Brasil, crítica é geralmente entendida somente aquela que se exerce nos jornais, a chamada crítica militante, periódica, regular, no registro ou comentário dos livros do momento. (COUTINHO, 119-120, V.6)

Nas palavras de Afrânio percebe-se um tom de ressentimento quanto ao fato de a crítica ser dominada pelos colunistas, enquanto a crítica acadêmica se restringe aos espaços acadêmicos, tendo um público minoritário. Este descontentamento alimentou uma campanha de combate aos rodapés. Sobre este aspecto, Flora Süssekind discute a seguir.

2.3. A formação da crítica no Brasil

Flora Süssekind faz um estudo da formação da crítica brasileira entre as décadas de 40 e 70. Ela observa que ao longo de décadas, o modelo de crítica foi sendo substituído, passando do colunista ao acadêmico até surgir o teórico literário.

Entre 40 e 50, a crítica era exclusivamente formada por “homens de letras”, geralmente bacharéis e que não tinham uma formação especializada. Em forma de resenha ou crônicas, a produção era publicada nos jornais, em suplementos literários. Os textos eram caracterizados pela brevidade, numa linguagem coloquial e livre de métodos. Entre o fim dos anos 50 até os 70, com a criação das faculdades de Letras, surge uma segunda forma de crítica, a acadêmica. O embate entre a crítica de rodapé e a crítica acadêmica ocasionou a perda de prestígio da primeira em favor da segunda.

Outra divergência, só que dentro da crítica universitária, é entre Afrânio Coutinho e Antonio Candido, ambos exemplos paradigmáticas, mas que por diferenças ideológicas e metodológicas, se distanciaram. O primeiro por adotar uma visão puramente estética da literatura. O segundo, por desenvolver uma visão dialética, que compreende os fenômenos literários relacionado ao contexto social de produção. Para Afrânio, a constituição de um “sistema literário” não é um problema. Trata-se de registrar as diferentes manifestações literárias que se sucederam no Brasil. Já Candido o interesse não está na literatura que circula no país, mas sim no momento em que ela passaria a constituir sistema por aqui. A literatura brasileira se configura no decorrer do século XVIII, encorpando o processo formativo que vinha de antes e continuou depois. Da tensão entre os acadêmicos com os rodapés, mais a necessidade de refletir sobre os próprios pressupostos, surge no início dos anos 70, o crítico teórico, que tem como exemplo Luiz Costa Lima, Roberto Schwarz e o próprio Antonio Candido.

Podemos perceber que Flora Süssekind se inclina para o método dos contrários de Antonio Candido. E fica a orientação de que a crítica atual é dedicada à teoria e construção dos seus próprios métodos, baseada nos valores da cultura acadêmica e literária. Deste modo, o texto reforça ainda a intuição de que a perspectiva criativa de Candido nos será fecunda por se aproximar dos estudos de Pascale Casanova.

2.4. A crítica e o sistema literário

No seu ensaio crítico, Pascale Casanova debate diversos conceitos e problemas, abrindo caminho para uma compreensão diferente dos fenômenos literários. Ela procura descrever o mundo literário a partir de um observatório para gerar a possibilidade de superação da visão crítica comum que ignora ou desconhece as leis que regem esse universo de lutas constantes e de contestação da

autoridade com modificações das relações de força e das hierarquias literárias. (CASANOVA, 2002, p. 18)

Dentre vários aspectos, a autora trata do problema da literatura como um bem espiritual e suas implicações nas bolsas de valores da literatura e das hierarquias que surgem da distribuição desigual do capital literário. Sobre este problema, ela debate as variáveis que formam o capital literário, o prestígio linguístico das línguas consagradas literariamente, das tradições e dos recursos acumulados por um espaço literário, a independência política do território, a proximidade ou a distância dos centros literários, a existência de um espaço literário consolidado.

Outro aspecto é o problema dos escritores nacionais e internacionais, o que nos interessa em especial nesta pesquisa, que irá se desdobrar na noção de fábrica do universal. A formação de um sistema literário e a consolidação de um escritor depende de critérios definidos nos centros e das instâncias de consagração.

Na outra parte do livro, ela trata dos espaços literários dominados que não possui seus recursos próprios, suficientes para reivindicar sua independência. Dentro deste meio, o drama do escritor excêntrico está dividido em duas estratégias de luta dentro do espaço literário nacional: assimilação e dissimilação. A assimilação é a diluição de qualquer diferença original em um espaço literário dominante e a dissimilação é a afirmação de uma diferença a partir, sobretudo de uma reivindicação nacional.

Dentro dos casos de assimilação ela descreve a trajetória de escritores de diversas nacionalidades que escolheram apagar as marcas de sua nacionalidade, para surgir como escritor universal. Este é o caso de Samuel Beckett, irlandês que se muda para Londres a fim de consagrar-se como escritor. E também o caso de Henri Michaux, suíço que parte para Paris com o mesmo objetivo. Mas ela trata ainda de exemplos de autores que tiveram no processo de assimilação um radical apagamento de suas origens chegando a ser mais franceses que os próprios franceses, exemplo do romeno Cioran.

No caso dos escritores rebeldes, trata do percurso de afirmação da diferença como soluções inovadoras e revolucionárias no campo literário. Esta questão está ligada à necessidade de afirmação do nacionalismo nos países dominados. Uma pátria dominada, do ponto de vista literário, não tem a chance de acumular seus próprios recursos, posto que o processo de assimilação da literatura dominante impede a formação de valores estéticos originais. “Só produções literárias declaradas e constituídas como específicas e nacionais podem permitir acabar com a dependência dos escritores do espaço literário (e político) dominante.” (CASANOVA, 2002, p. 270) Por isto, as idéias nacionalistas do romantismo e da fase de 22 e 30 do modernismo representam a tentativa de romper com esse sistema. Estas e outras questões discutidas nortearão a análise do primeiro texto sobre o primeiro livro de Thiago de Mello.

3. SILÊNCIO E PALAVRA E A ACOLHIDA DE ÁLVARO LINS

A primeira crítica de *Silêncio e Palavra* foi publicada em março de 1952 com o título *Silêncio, Palavra e Arte Poética*²² (LINS, 1981, p.17-25). Seu autor era um dos mais influentes críticos brasileiros da década de 40, Álvaro Lins. Sua leitura está estruturada da seguinte forma: a primeira parte situa o poeta no tempo e trata da determinação da forma pelo tema; a segunda trata dos aspectos formais do texto e das soluções lexicais; a terceira destaca o léxico e analisa o poema *Romance do Salatiel* e o quarto consagra Thiago como um dos grandes poetas de sua geração.

Na primeira, em que trata da determinação da forma pelo conteúdo, abre o texto citando versos do poema *Rumo* para iniciar suas ponderações. Abruptamente apresenta aspectos biográficos, destacando a decisão de Thiago de abandonar uma carreira promissora (medicina) para se dedicar integralmente a atividade incerta (literatura).

(...) Assim, o que desejo pôr em destaque, primordialmente, no caso deste poeta tão moço – e que, não obstante, devemos já colocar, pelo valor do seu primeiro livro, numa posição das mais altas – é um tal gesto com que, na hora do jogo decisivo, enfrentou o risco de perder a vida num sentido para ganhá-la em outro reino. E já começou a ganhar, com efeito, nesse jogo perigoso, que é a opção, que é o gesto de renunciar aos bens concretos em troca de algo distante ou mesmo indefinível (...) (LINS, 1952, p. 17)

Quando Lins apresenta o dilema pessoal de Thiago, ele está colocando um problema tantas vezes ignorado sobre a natureza do sistema literário. Como argumenta Pascale Casanova, esse sistema regido por leis e jogos de força, em grande parte, retira dos escritores excêntricos a possibilidade de alcançar o mesmo reconhecimento dos escritores do centro. Afinal, trata-se de um jovem do interior do Amazonas, de um lugar cuja tradição literária é muito recente e carece de recursos próprios, além da distância dos centros (Rio de Janeiro e São Paulo) que o coloca numa situação de desvantagem. O crítico não pormenoriza este aspecto, porém destaca os atributos pessoais de Thiago para que sua condição de poeta vindo da província fosse encoberta pela imagem do gênio forte, de caráter elevado, o que seriam as suas primeiras credenciais, além da própria obra, para entrar neste universo tão fechado. Seguindo argumentos que se alternam entre o aspecto biográfico e o texto literário, comenta o trabalho que Thiago realizou com Geir Campos nas *Edições Hipocampo*. O tom elogioso reforça o capricho e o bom gosto do jovem escritor.

Depois monta um quadro poético distintivo das gerações do modernismo. Segundo Álvaro Lins as gerações de 22 e 30 constroem seus projetos estéticos partindo do tema para a forma. Ao passo que a geração de 45 parte da forma para o conteúdo. Sendo assim, ele destaca em Thiago de Mello os aspectos formais de sua obra: a rara ciência lexical, uma firme e elegante estrutura sintática, como também os valores e processos rítmicos do verso; exceto a utilização das rimas, que

²² O texto foi publicado pela primeira vez no jornal em março de 1952 e depois publicado no livro *Vento Geral*, de Thiago de Mello.

são escassas, mas que não tira o valor, pois Thiago compensa com o uso da métrica. Neste momento ele está destacando recursos formais da literatura clássica, logo, recursos não originais, mas que foram retomados na segunda e terceira fase do modernismo.

(...) a única maneira, segundo Antonio Candido, de superar a dependência constitutiva da América Latina é a “capacidade de produzir obras de primeira ordem, influenciadas, não por modelos estrangeiros imediatos, mas por exemplos nacionais anteriores [...] No caso brasileiro, os criadores do nosso Modernismo derivam em grande parte das vanguardas européias. Mas os poetas da geração seguinte, nos anos de 1930 e 1940, derivam imediatamente deles – como se dá com o que é fruto de influências em Carlos Drummond de Andrade ou Murilo Mendes [...]. (CANDIDO, 1989 apud CASANOVA, 2002, p. 285)

Mais adiante, Lins faz previsões sobre o futuro do poeta e seu argumento recai sobre a literatura e seus temas, deixando escapar uma visão que oscila entre a crença no universalismo e a ideia de nacionalidade. “Digo isto porque se me afigura também visível, no talento do Sr. Thiago de Mello, a possibilidade de apresentar mais tarde, com a experiência vital, uma temática rica e forte. E chegará ele, de fato, a desenvolver ao máximo uma tal possibilidade? Esperamos que sim.” (LINS, 1952, p. 22) Se por um lado, a temática dos poemas de *Silêncio e Palavra*, gira em torno de assuntos considerados universais como o amor, a morte, a paisagem marítima, a linguagem, por outro, carece de temas fortes e ricos. Esses temas carregados de experiência vital são os eventos nacionais, dos quais o primeiro livro não explora abertamente.

(...) a sua tendência para uma poesia em profundidade, feita de meditação individualizada como de essência filosófica não-didática. Pois bem: nem a natureza física, nem as paisagens, nem quaisquer outros objetos de natureza humana ocupam lugar considerável no seu lirismo. (Idem, 23)

Nos países dominados do ponto de vista literário, a busca por temas nacionais e construção de recursos formais a partir da própria tradição local são condições para o processo de diferenciação e, por sua vez, de independência estética.

Produzir essa expressão original é fabricar a diferença, ou seja, criar recursos específicos. Como as fundações literárias estão ligadas às fundações nacionais, os escritores das primeiras gerações empregam todos os meios à sua disposição – literários e/ ou políticos-nacionais – para agrupar e concentrar essas riquezas literárias. (CASANOVA, 2002, p. 272)

Lins fala da influência da cantiga de amor da poesia trovadoresca e cita o poema *Senhora* como exemplo do culto divino à mulher amada. E também da paisagem natural e referências marítimas, mas como transformação no interior do poeta. Do caráter subjetivo, intimista, personalista de sua lírica, sem monotonia, e da capacidade para se lançar no plano da meditação filosófica.

Na terceira, ele se dedica a análise de *Romance de Salatiel* e considera o mais completo e bem acabado dos poemas de Thiago de Mello. Dividido em três partes: *O velório*, *O sepulcro* e *Epílogo*. Na primeira a presença do morto entre os vivos em septissílabo. Na segunda, Salatiel não é mais nada e o ritmo se reduz a hexassílabo.

Na última parte, em frases de grande efeito Álvaro Lins diz:

Poetas principais da nossa literatura moderna: estou tentado a pedir-vos um lugar, ao vosso lado, para o poeta de *Silêncio e Palavra*. Com vinte e seis anos, e um só livro publicado, o Sr. Thiago de Mello bem demonstra, todavia, que já se acha em condições de situar-se na primeira linha da nossa poesia contemporânea. (LINS, 1952, p. 25)

Assim ele encerra uma de suas críticas, que como tantas outras, deram grande visibilidade a obra resenhada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após discutir alguns fundamentos de um estudo de fortuna crítica, é possível extrair elementos para a leitura da recepção crítica de Thiago de Mello, o que será realizado num outro momento. Só para iniciar, apresentamos a análise parcial do texto de Álvaro Lins, na perspectiva crítica do sistema literário de Pascale Casanova.

As noções de nacionalismo, de processos de assimilação e dissimilação da literatura européia aparecem nos enunciados de Álvaro Lins. Contudo a tensão entre uma concepção nacional e outra universal da literatura, a ideia de dominação contra a de liberdade de criação, o impede de desenvolver com segurança os argumentos de defesa do seu ponto de vista. Há passagens confusas e ambíguas que sugerem este conflito interno. Talvez uma orientação dialética, como a do Antonio Candido, lhe faltasse para dar clareza a essas contradições.

Se por um lado, ele valorizava a obra e a figura do jovem Thiago de Mello, poeta vindo da província, por outro, se mantinha preso aos pressupostos da literatura dominante, se inclinando para uma visão encantada da liberdade criadora. Ao contrário do que Afrânio Coutinho diz sobre sua postura inicialmente estética e posteriormente política. Na verdade esta contradição se apresenta num mesmo momento. Pelo menos é o que se pode perceber no texto analisado. Ora estético, ora político, parecendo confuso sobre suas posições. Nesse momento, grande parte do seu prestígio literário havia reduzido em função da mudança de perfil da crítica, como nos acrescentou Flora Süssekind.

As contradições entre a ideia de escritor nacional e internacional; de local e universal; ainda precisam ser exploradas. Porém limitações de tempo impuseram a necessidade de interromper, não definitivamente, o percurso das leituras e análises dos textos. Contudo, outras questões serão acrescentadas a esta reflexão, o que certamente será apresentado numa outra oportunidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Melânia Silva de. *Fortuna crítica de Affonso Ávila*. Melânia S. de Aguiar (Introdução). Belo Horizonte: SECMG; Arquivo Público Mineiro, 2006.

BRAYNER, Sônia. *Carlos Drummond de Andrade* – Coleção Fortuna crítica 1. Org. Afrânio Coutinho. 2. ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução Marina Appenzeller. – São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

_____. *Manuel Bandeira* – Coleção Fortuna crítica 5. Org. Afrânio Coutinho. 2. ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

COUTINHO, Afrânio. *Cruz e Souza* – Coleção Fortuna crítica 4. Dir. Afrânio Coutinho. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.

_____. A crítica modernista. Cap. 52 In: *A literatura no Brasil*. Eduardo Faria Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, Niterói: UFF. Universidade Federal Fluminense. 1986. (v. 5)

COUTINHO, Eduardo F. e CASTRO, Ângela Bezerra de. *José Lins do Rego* 7. Dir. Afrânio Coutinho. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

_____. A consciência literária. Cap. XVI In: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 12 ed.. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009.

MELLO, Thiago de. *Vento Geral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

RAMOS JR, José de Paula. *A fortuna crítica de Macunaíma: A primeira onda (1928-1936)*. 2006. 310p. Dissertação (Doutorado em Literatura Brasileira), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Biblioteca Digital de teses e dissertações da www.teses.usp.br. Acesso em: 22 de outubro 2010.

SÜSSEKIND, Flora. *Papeis Colados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.